

Alta de custos na China encerra era de produtos baratos

Shai Oster

Os salários começaram a subir na China, no que pode ser o fim da era dos produtos baratos.

Nos últimos 30 anos, os clientes pediam a William Fung, diretor-gerente de uma das maiores empresas de terceirização de produção industrial do mundo, para fabricar seus produtos - fossem eles camisetas, calças jeans ou louças - a preços sempre menores. Graças ao aparentemente ilimitado número de trabalhadores chineses, geralmente ele conseguia.

Agora o chefe da empresa Li & Fung diz que as coisas estão mudando. O salário de dezenas de milhares de empregados indiretos de sua firma, sediada em Hong Kong, está subindo: ele prevê que os salários da China vão subir 80% nos próximos cinco anos. Isso significa que os preços da Li & Fung também vão subir.

"O que teremos nos próximos 30 anos é inflação", disse Fung. "Muitos gerentes [de empresas] de países ricos nunca tiveram de enfrentar inflação."

A questão deve pairar nas negociações de hoje entre líderes chineses e americanos em Washington, na conferência anual Diálogo Estratégico e Econômico. Os problemas com câmbio e endividamento devem dominar as discussões. Mas também há sinais de que o baixo custo trabalhista - e a moeda desvalorizada - responsável pelo superávit gigantesco da China com os Estados Unidos está perto de mudar. Isso ocorre também em meio à pressão por salários maiores causada pelo envelhecimento da população economicamente ativa da China.

Há décadas que a abundância de trabalhadores chineses mantém baixo o custo dos produtos comprados pelo resto do mundo. Mesmo quando os políticos em Washington acusavam a China de destruir o setor industrial americano, aparelhos de DVD, churrasqueiras e casacos baratos eram um consolo para os consumidores que se acostumaram a pagar cada vez menos. A China também manteve o valor de sua moeda baixo, o que dá aos seus exportadores uma vantagem.

"A inflação tem sido coibida substancialmente nos EUA porque o país exportou trabalho para a China e outros lugares a 20% ou 30% do custo", disse Hal Sirkin, consultor da Boston Consulting Group. Agora acabou essa era de reduções consideráveis nos custos, prevê a firma.

A Li & Fung atribui o início da alta nos salários ao "efeito Foxconn". Foxconn é o nome fantasia da Hon Hai Precision Industry, empresa que fabrica o iPad para a Apple e os computadores para a Hewlett-Packard, entre outras empresas. Depois que uma série de suicídios de operários no ano passado em uma de suas fábricas na China levou a Foxconn a defender a maneira como trata os empregados, a empresa reajustou os salários em 30% ou mais para tentar melhorar as condições de vida.

Desde então o governo chinês vem apoiando os aumentos de salários no país, em parte para diminuir os conflitos trabalhistas, mas também para impulsionar o consumo doméstico e diminuir a dependência das exportações, expandindo assim a economia. A alta nos salários afeta tanto as empresas estrangeiras como as nacionais.

Outros fatores além da alta dos salários estão impulsionando o preço dos produtos. Um deles é que os trabalhadores chineses estão começando a consumir mais com seus salários maiores. Isso contribui para a alta de commodities como algodão e petróleo, que já estavam subindo, em parte, por causa da desvalorização do dólar. A melhora do padrão de vida em países em desenvolvimento como a China manterá alto o preço dos recursos naturais cuja demanda supera a oferta.

A decisão chinesa de permitir uma lenta valorização do yuan - algo buscado ansiosamente por seus parceiros comerciais nos países ricos - alimenta ainda mais esse incêndio. O yuan forte barateia as importações chinesas das matérias-primas de que o país necessita, como ferro e

soja, ajudando a suavizar a inflação nacional. Mas isso também encarece as suas exportações para os outros países.

"É correta essa ideia de que passamos de uma era de deflação benigna para uma de inflação", disse Jeffrey Sachs, economista e diretor do Instituto Terra, na Universidade Columbia, de Nova York.

Durante os 30 anos de crescimento econômico da China, centenas de milhões de empregos urbanos e industriais sugaram o excesso de mão de obra rural. Mas, nos últimos três ou quatro anos, essa fonte de mão de obra foi exaurida, diz ele.

Muitos analistas preveem que a vasta mão de obra chinesa vai começar a cair em um ou dois anos, devido às políticas nacionais de planejamento familiar. Outros dizem que já há escassez entre os operários mais ativos nas fábricas, entre 15 e 34 anos. Esse grupo vem caindo gradualmente desde 2007, segundo Jun Ma, economista-chefe do Deutsche Bank para China e Hong Kong.

A China ainda tem mão de obra barata no interior, longe das já desenvolvidas cidades costeiras, e ganhos com produtividade podem mitigar a alta dos salários. Um exemplo é a própria Foxconn, que anunciou a expansão de suas operações para regiões interioranas perto de Chendgu, Wuhan e Zhengzhou, longe de sua base costeira. A Li & Fung está incentivando seus fornecedores a investir mais nas fábricas para aumentar a produtividade dos trabalhadores e melhorar a qualidade dos produtos.

Mas há um limite para o que pode ser obtido com essas medidas. Alguns analistas dizem que a alta dos salários vai ultrapassar drasticamente qualquer ganho de produtividade. Mudar para o interior permite salários menores, mas também eleva o custo do transporte nos lotados aeroportos e rodovias da China, além de deixar as fábricas mais bem posicionadas para atender ao mercado interno crescente do país, em vez de exportar a produção.

Diante dos salários crescentes na China, algumas empresas estão transferindo seus recursos para outros lugares, para tentar manter o custo baixo. A Yue Yuen Industrial (Holdings), maior fabricante de sapatos do mundo, começou a transferir a produção de sapatos baratos da China para países como Bangladesh e Camboja. A Li & Fung foi contratada por uma importante marca chinesa de tênis, a Li Ning, para ajudá-la a achar locais fora da China onde produzir mais barato.

Mas a diferença de salário entre a China e os outros países em desenvolvimento vai diminuir, disse Fung, ecoando a previsão da Boston Consulting Group, porque a "China era quem mantinha os preços baixos", diz ele. "A China era o padrão. Com o preço da China subindo, todo mundo vai querer aumentar os preços."

À medida que as fábricas forem transferidas para outros países, os salários locais vão aumentar mais rapidamente que na China porque a mão de obra disponível nesses locais é menor. Além disso, como nenhum outro país pode imitar a escala gigantesca da China, a logística passará a ser uma fatia maior dos custos, já que as empresas serão forçadas a dividir a produção em vários países, dizem analistas.

"As coisas ficarão mais caras e as pessoas vão comprar menos", alerta Fung. Isso significa que os países ricos terão de adotar novas tendências de consumo.

Salários em alta

Recentes aumentos nos salários mínimos em províncias chinesas



Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 9 maio 2011, Primeiro Caderno, p. A9.

A utilização deste artigo é exclusiva